

Bancos apóiam alongamento

ESTADO DE SÃO PAULO * 9 JUN 1993

Medida é parte do esforço para reduzir a inflação e poderá ser reforçada com o uso de dólares das reservas

JOCIMAR NASTARI, MARTA
SALOMON e PAULO ASSUNÇÃO



O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, pediu ontem aos banqueiros que colaborem com o plano do governo, aceitando o alongamento dos prazos de vencimento da dívida interna. "Não nego ter pedido aos representantes do sistema financeiro que colaborem e colaborar é alongar as dívidas de curto prazo de forma espontânea." Em almoço na Confederação Nacional das Instituições Financeiras, o ministro revelou os quatro pontos que considera essenciais ao plano de ação a ser anunciado segunda-feira: controle rígido sobre a ação dos bancos estaduais e federais, aceleração do programa de privatização, ajuste profundo do setor público, cortes efetivos no orçamento da União.

O processo de alongamento voluntário da dívida interna foi iniciado há 40 dias, na gestão do ex-ministro Eliseu Resende, por meio de leilões, nos quais Bônus do Banco Central (BBC) de prazo de vencimento de 28 dias são trocados

por Notas do Tesouro Nacional (NTN) com vencimento de 15 meses. Os bancos são os grandes portadores dos títulos públicos. Cardoso observou que a ampliação dos prazos da dívida mobiliária é muito importante para a redução das txas de juros e da inflação. "Os banqueiros também acham isso e vão continuar colaborando", comentou.

O governo poderá lançar mão, também, de parte das reservas cambiais — superiores a US\$ 25 bilhões — para fugir à emissão diária de títulos públicos. Os títulos com prazo de vencimento mais longo teriam como garantia as reservas. A proposta é vista com simpatia pela equipe de Cardoso. Numa conversa com o líder do governo no Senado, Pedro Simon (PMDB-RS), o ministro se queixou das dificuldades do Tesouro para manter a rolagem diária da dívida. "Isso é um drama." Na mesma conversa, disse que as reservas cambiais tinham atingido US\$ 28 bilhões.

No almoço com banqueiros, o presidente da Federação Nacional das Associações de Bancos (Febraban), Alcides Tápias, disse que Cardoso reafirmou os pontos básicos de sua linha de ação, a ser revelada na reunião ministerial: o governo não vai lançar mão de medidas de impacto e isso ficará claro no pro-

nunciamento que o ministro fará à Nação. "Ele vem repetindo, mas é bom ouvir isso frente a frente com o ministro", observou Tápias.

Idéia prematura — Em Belo Horizonte, o ex-ministro da Fazenda Paulo Haddad disse ontem considerar prematuro tratar da aplicação de âncora no Brasil, cambial ou monetária, como parte da estratégia de estabilização da economia.

"Técnicamente, enquanto não se tiver controle sobre as contas públicas e sobre os bancos oficiais, reestruturadas a dívida interna e a externa, sem domar o potencial do déficit fiscal, sem avançar com o programa de privatização, mais flexível e ampliado, não se deve mexer com a questão da âncora."

Para o ex-ministro, discutir agora a adoção de uma âncora cambial desorganizaria o que está funcionando bem na economia brasileira, o setor externo, provocando queima de reservas, quebra do dinamismo exportador e volume de importações muito alto. Segundo Haddad, neste momento deve-se ter paciência. "Ninguém pode cobrar do ministro Fernando Henrique Cardoso resultados rápidos", concluiu.

■ Mais informações nas páginas 3, 4, 5 e 6

Público
da dívida

oficiais, em estudo na equipe